

algumas possibilidades de articulação visual para chegar aos processos de subjetivação possíveis pelo contato com espaços da cidade do Rio de Janeiro. Sob a espinha dorsal que fragmenta a cidade, existe a sombra do corpo que sempre pulsa e se comunica com os residentes. Um gigante de membros obtusos, que fragmenta os principais pontos da cidade. O material urbano ganha a textura da pele e a tecitura da imaginação ingênua no cenário de uma cidade dinâmica, que nunca termina em si e nunca para de crescer.

Referências bibliográficas

- Barthes, R. (1984). *A câmara clara. Notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: Edições.
- Latour, B. (2014). *Um Prometeu cauteloso?: alguns passos rumo a uma filosofia do design* (com especial atenção a Peter Sloterdijk). *Agitprop*: revista brasileira de design, São Paulo, v. 6, n. 58, jul./ago.
- Rosa, João Guimarães. (1994). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

Resumen: Este trabajo busca comprender las características de los procesos de creación del diseño visual en los espacios diseñados en el entorno urbano de Río de Janeiro en la actualidad. Mediante la fotografía y otros experimentos estéticos, pretendo registrar escenarios alternativos de la acción del tiempo y el espacio en mis desplazamientos por la ciudad. La intención es retratar objetos que reúnan una especie de cuerpo de la imagen contemporánea. Intento la formulación de nuevos procesos de subjetivación: miembros

yuxtapuestos que constituyen mi imaginario, a menudo ocultos, concomitantes con los rostros de personas anónimas que resisten el caos de la vida cosmopolita.

Palabras clave: Fotografía - Diseño visual - Procesos de subjetivación - Espacio - Experimental.

Abstract: This paper seeks to understand characteristics of the processes of visual design creation in spaces designed in the urban environment of Rio de Janeiro today. Using photography and other aesthetic experiments, I intend to register alternative scenarios of the action of time and space in my displacements through the city. The intention is to portray objects that reassemble a kind of body of the contemporary image. I attempt the formulation of new processes of subjectivation: juxtaposed members that constitute my imaginary, often hidden, concomitant with the faces of anonymous people who resist the chaos of cosmopolitan life.

Keywords: Photography - Visual design -Processes of subjectivation -space - experimental.

(* **Guilherme Reis:** Mestrando em Design pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Diretor e produtor de arte em produções teatrais e audiovisuais. E-mail guilhermerr@live.com. **Jofre Silva:** PhD em Fotografia, pelo Central Saint Martins College of Art and Design, Universidade das Artes de Londres (1999). Diploma em Fotografia, pelo Goldsmiths' College, da Universidade de Londres (1992). Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Design da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordena o laboratório: Photography: Art, Design and Communication – PHADEC (<https://phadec.eba.ufrj.br/>).

Design Colaborativo e Território: Estudo de Caso do Projeto Piloto de Extensão Mulheres de Ouro

Lorena Gomes Ribeiro de Oliveira (*)

Actas de Diseño (2022, octubre),
Vol. 41, pp. 285-290. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: marzo 2022
Versión final: octubre 2022

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo de caso do projeto de extensão do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto denominado “Mulheres de Ouro”. Trata-se de um projeto piloto realizado com a abordagem do design colaborativo, tendo como participantes as mulheres produtoras de joias artesanais de Ouro Preto (Minas Gerais, Brasil). O processo de design com a comunidade pôde contribuir com uma série de ações voltadas para a promoção do território, da sua identidade e de seus produtos locais, bem como para a valorização do trabalho da mulher no setor joalheiro local.

Palavras chave: design colaborativo – projeto de extensão – mulheres – comunidade – território – joia artesanal – Ouro Preto.

[Resumos em espanhol e inglês e currículo na p. 290]

1. Introdução

Este artigo apresenta um projeto de extensão do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto (IFMG – OP) denominado “Mulheres de Ouro”. Trata-se de um projeto piloto realizado com a abordagem do design colaborativo, tendo como participantes mulheres produtoras de joias artesanais de Ouro Preto, cidade localizada no estado de Minas Gerais (Brasil). Considerando o papel da extensão nos Institutos Federais, que de modo indissociável do ensino e da pesquisa deve se voltar para desenvolvimento sustentável local e regional, foram desenvolvidas diversas ações com o grupo durante o ano de 2019, buscando a valorização do território, de sua identidade e de seus produtos locais. O termo território é empregado aqui de forma ampla: inclui os fatores humanos e naturais e a herança histórica-cultural, que são intransferíveis e, portanto, caracterizam cada território.

O artigo está estruturado em duas etapas, sendo a primeira dedicada à revisão na literatura dos assuntos correlatos à temática e a segunda voltada para apresentação do referido projeto como estudo de caso. As experiências compartilhadas durante o projeto apontam que o design colaborativo com a comunidade é uma abordagem interessante para se trabalhar em projetos de extensão voltados para a valorização e promoção do território, da sua identidade e de seus produtos locais. E que o design pode contribuir com ações práticas no dia-a-dia para valorizar o trabalho da mulher no setor joalheiro e promover a igualdade de gênero.

2. Referencial Teórico

2.1 A Extensão nos Institutos Federais

A extensão nos Institutos Federais é definida como “o processo educativo, cultural, social, científico e tecnológico que promove a interação entre instituições, segmentos sociais e mundo do trabalho com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos visando o desenvolvimento socioeconômico sustentável local e regional” (IFMG, 2021, on-line). Sendo assim, a extensão é entendida como uma atividade fim, que deve ser conduzida sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que dá origem aos Institutos Federais preconiza em seu Art. 7º, incisos II, IV e V, que estes deverão:

II. ministrar cursos de formação inicial e continuada de trabalhadores, objetivando a capacitação, o aperfeiçoamento, a especialização e a atualização de profissionais em todos os níveis de escolaridade, nas áreas da educação profissional e tecnológica;

IV. desenvolver atividades de extensão de acordo com os princípios e finalidades da educação profissional e tecnológica, em articulação com o mundo do trabalho e os segmentos sociais, e com ênfase na produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos;

V. estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional (Brasil, 2008).

Cabe à extensão o importante papel de articular ações de desenvolvimento local mediado pela ciência e tecnologia e pela construção de estratégias de inclusão social (Albuquerque Filho et al., 2013). Dentre as ações extensionistas, os “cursos de extensão nas modalidades de formação inicial e continuada” – voltados para os mais diversos públicos, em atendimento às demandas locais – vão ao encontro de uma das finalidades dos Institutos Federais, que é orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e do fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais (Secco et al., 2013). Um exemplo é o IFMG – OP que, por meio da Área de Joalheria, tem ofertado diversos cursos de extensão em atendimento às demandas sociais e produtivas do setor de joias artesanais de Ouro Preto e região, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento sustentável desta atividade.

Outro tipo de ação extensionista é o “projeto”, que é definido nos Institutos Federais como o “conjunto de atividades processuais contínuas (mínimo de três meses), de caráter educativo, científico, cultural, político, social ou tecnológico com objetivos específicos e prazo determinado que pode ser vinculado ou não a um programa, envolvendo a participação de discentes” (Forproext, 2013). O projeto de extensão deve estar vinculado a uma área temática principal dentre as seguintes: comunicação; cultura; direitos humanos e justiça; educação; meio ambiente; tecnologia e produção; saúde ou trabalho. E deve também ser orientado para, ao menos, um dos dezesseis Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). O projeto piloto de extensão Mulheres de Ouro do IFMG – OP, estudo de caso apresentado neste artigo, tem o “trabalho” como à área temática principal e busca atingir o “ODS 8: trabalho decente e crescimento econômico” o que significa, segundo a ONU (2021, on-line), “promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todas e todos.”

2.2 Design com a Comunidade

O papel do design na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável vem sendo discutido há décadas. Nos anos de 1970, autores, dentre os quais Papanek (1973) e Maldonado (1971), já chamavam a atenção para a necessidade do design se voltar para os problemas “reais”, com uma nova prática orientada às questões sociais, ambientais, econômicas, culturais e políticas, denunciando a prática do design voltada apenas para o sistema mercado-consumidor. De lá até os dias atuais, o design passou por mudanças e tem ampliado suas fronteiras de atuação de forma contínua, pois, segundo Cardoso (2016), é uma área que tende a dialogar com todas as áreas do conhecimento em algum nível, com maior ou menor proximidade. Para esse autor, a importância do design hoje está em “sua capacidade de construir pontes

e forjar relações num mundo cada vez mais esfacelado pela especialização e fragmentação de saberes” (p.234). A construção destas pontes é fundamental no processo de design com a comunidade, no qual trabalham de forma colaborativa designers especialistas e pessoas não especialistas em design, mas com outros conhecimentos, que podem ser também tácitos e não acadêmicos. Portanto, a forma de participação no processo de design com a comunidade é paritária (*peer-to-peer*) entre os atores sociais envolvidos. Os designers especialistas têm a missão de facilitar e mediar o processo aplicando seus conhecimentos e as ferramentas de design, a fim de promover a colaboração entre as partes envolvidas (ex.: comunidade, instituições públicas e privadas, etc.) e contribuir para convergência em torno de ideias compartilhadas e soluções potenciais (Manzini, 2008). Diante de tantos desafios enfrentados pela sociedade na contemporaneidade, este processo de design colaborativo com a comunidade tem sido uma abordagem interessante para se trabalhar em projetos de extensão voltados para as mais variadas demandas e necessidades.

No estudo de caso em questão [1], a demanda está relacionada a valorização do território, de sua identidade e de seus produtos locais¹. Portanto, o design pode contribuir para o desenvolvimento sustentável local e regional, (i) promovendo a qualidade do território, dos produtos locais e dos processos de fabricação; (ii) apoiando a comunicação, aproximando consumidores e produtores e intensificando as relações territoriais e (iii) apoiando o desenvolvimento de arranjos produtivos e cadeias de valor sustentáveis, visando ao fortalecimento de micro e pequenas empresas (Krucken, 2009). Para isso, o design deve desencadear e alimentar diálogos sociais (Manzini, 2017), nos quais os indivíduos participantes interagem para conceber soluções para os problemas e desafios identificados.

2.3 A Mulher no Setor Joalheiro

Nos últimos anos as discussões em torno da mulher têm alcançado novos patamares, sendo que a igualdade de gênero no mercado de trabalho tem sido um dos pontos-chaves das discussões. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), de forma geral, as mulheres ganham menos que os homens e são a maioria nos empregos da economia informal e atípicos. A OIT ressalta que continuam a existir práticas discriminatórias que se baseiam na presunção de trabalhos que são “adequados” às mulheres ou à sua função reprodutora. É difícil quantificar, demonstrar e fazer frente à discriminação contra as mulheres, porque geralmente está profundamente enraizada na tradição e nos valores sociais. Em consequência, é fundamental que se vá para além da mera eliminação ou proibição das leis discriminatórias, pois são necessárias ações para combater as desigualdades na prática, no dia-a-dia (OIT, 2019).

A produção de joias artesanais em Ouro Preto e região tem vocação histórica que começou, a partir da descoberta das jazidas de ouro no final do século XVII, quando a houve um grande fluxo migratório de oficiais mecânicos (trabalhadores ligados à atividade produtiva) para a região, como por exemplo, carpinteiros, pedreiros, ferreiros,

sapateiros e ourives. Do ponto de vista histórico o ofício dos ourives foi desempenhado predominantemente pelos homens desde o período colonial, pois as mulheres não podiam exercer legalmente diversos ofícios que eram exclusivos dos homens, dentre os quais a ourivesaria. O estudo de Trindade (1955), por exemplo, identificou mais de cem nomes de ourives (todos homens) em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX, sendo vários desses registrados em Ouro Preto. Com as transformações sociais ao longo do século XX, as mulheres foram conquistando direitos e ocupando espaços que até então não podiam, inclusive no campo profissional.

Atualmente, o setor de joias de Ouro Preto tem a participação de várias mulheres que atuam em todo o processo, o que engloba a criação, a produção e a comercialização de joias. A atividade continua com caráter produtivo artesanal e tem uma estrutura formada por lojas, ateliês e oficinas de joias, que geram trabalho e renda para muitas famílias. Contudo, o setor tem enfrentado desafios, como por exemplo, a concorrência com produtos industrializados e importados mais baratos, o aumento nos preços das principais matérias-primas (ouro, prata e gemas) e a dificuldade em comunicar o valor do produto feito artesanalmente. Considerando estas características do setor produtivo local, foi desenvolvido o projeto piloto de extensão Mulheres de Ouro do IFMG – OP, enquanto uma ação prática do design para as demandas deste território.

3. Estudo de Caso: Projeto Piloto de Extensão Mulheres de Ouro

3.1 Da Ideia à Criação do Projeto

A ideia para o projeto piloto de extensão Mulheres de Ouro surgiu em sala de aula, a partir das experiências compartilhadas por alunas dos cursos de formação continuada da Área de Joalheria do IFMG – OP. Os cursos de formação continuada têm como um dos objetivos principais propiciar aos trabalhadores o contínuo e articulado desenvolvimento profissional, sendo esses cursos formulados para o atendimento de demandas específicas de um determinado segmento da população ou dos setores produtivos (BRASIL, 2012). No caso do setor joalheiro de Ouro Preto, a Área de Joalheria do IFMG – OP vem respondendo às demandas locais capacitando, ao longo dos anos, dezenas de pessoas em cursos de Design de Joias, Lapidação de Gemas de Cor, Gemologia, Joalheria Artesanal e Vitrinismo.

De forma geral, as turmas dos cursos são heterogêneas; formadas por homens e mulheres, de diferentes faixas etárias e com experiências profissionais variadas. Essa diversidade no ambiente escolar é rica, pois possibilita a troca de conhecimentos entre os alunos a partir das vivências de cada um deles. Neste contexto, começaram a despontar questões, muitas vezes trazidas pelas próprias alunas, sobre o trabalho da mulher no setor joalheiro, principalmente enquanto ourives, algo que é mais recente na história da ourivesaria e ainda traz muitos desafios. Portanto, foi a partir das vivências em sala de aula, com

relatos de experiências e de expectativas sobre a atuação profissional após o término dos cursos, que surgiu a ideia de se criar na instituição um espaço de discussão, aprendizagem e produção coletiva para as mulheres que atuam no setor joalheiro de Ouro Preto e região.

Para isso, o formato “projeto de extensão” se mostrou mais adequado aos esboços iniciais traçados, pois possibilitava: (i) reunir alunas que estavam matriculadas nos diferentes cursos ofertados pela Área de Joalheria do IFMG – OP; (ii) manter o vínculo das ex-alunas com instituição, quando os cursos terminassem, na condição de “participante de projeto de extensão”; (iii) reaproximar a instituição das egressas de turmas mais antigas e que estivessem trabalhando no setor e (iv) aproximar a instituição de trabalhadoras do setor que não tivessem participado dos cursos. Portanto, o grupo a ser constituído seria composto por alunas e ex-alunas do IFMG – OP, em sua maior parte, e por outras mulheres da comunidade local, até então, sem vínculo com a instituição. Todas já trabalhando ou com intenção de trabalhar no setor joalheiro de Ouro Preto e região.

O nome “Mulheres de Ouro” evoca a preciosidade e o valor da mulher, tal como o metal nobre ouro é reconhecido, ao mesmo tempo em que remete à região na qual as participantes estão inseridas, Ouro Preto. Baseado na abordagem do design colaborativo, o projeto visa a construção participativa de ações e de iniciativas que possam promover o desenvolvimento profissional das participantes nas esferas individual e coletiva. Dentre os objetivos específicos do projeto destacam-se: (i) contribuir para o desenvolvimento profissional e consequentemente para o aumento da renda; (ii) apoiar o empreendedorismo feminino no setor joalheiro; (iii) fortalecer as relações do grupo; (iv) ampliar a rede de parceiros e (v) promover a igualdade de gênero no setor.

Com as premissas acima mencionadas, o projeto foi submetido e aprovado em edital interno do IFMG – OP e teve recurso disponibilizado para o pagamento de uma bolsista de extensão. A coordenadora (designer e professora da instituição) e a bolsista (aluna de um dos cursos da Área de Joalheria) trabalharam juntas com o grupo na organização e condução das atividades e dos encontros que aconteciam em uma sala do IFMG – OP. O projeto teve vigência de um ano e foi suspenso devido a pandemia de COVID-19 em março de 2020.

3.2 O Primeiro Ano de Atividades

A primeira etapa foi destinada à divulgação do projeto para o público-alvo (mulheres que atuam no setor joalheiro de Ouro Preto e região) com um convite para uma reunião no IFMG – OP. Os objetivos da reunião foram apresentar a proposta, tirar dúvidas e, principalmente, criar uma primeira aproximação do grupo em um momento “quebra-gelo”. Na semana seguinte após a reunião, foram feitas as inscrições no projeto, incluindo a aplicação de um questionário com questões fechadas e abertas com a finalidade de se traçar o perfil socioprofissional das participantes. O grupo foi formada por dezoito mulheres, em sua maior parte por alunas e

egressas dos cursos da Área de Joalheria do IFMG – OP. A faixa etária era bastante abrangente, entre 25 e 69 anos, e as experiências profissionais variadas – considerando os extremos, havia no grupo uma participante com mais de trinta anos de atuação no setor e outras participantes ainda por entrar no mundo do trabalho. A pesquisa por meio do questionário revelou também que as todas mulheres trabalhavam por conta própria no setor de joias, algumas como trabalhadora informal e outras como microempreendedora individual (MEI). A produção e comercialização de joias era para algumas o trabalho e a renda principal, enquanto para outras era o trabalho secundário para a complementação da renda familiar. A segunda etapa do projeto previa uma série de encontros do grupo para discutir e delimitar os temas que seriam trabalhados ao longo do ano. A partir dos primeiros encontros (fase de diagnóstico) foram identificados com as participantes os principais interesses do grupo e, portanto, constatou-se que o projeto deveria se adequar a esses interesses e também às oportunidades que estavam surgindo para o grupo. Sendo assim, os temas dos encontros foram se definindo à medida que o projeto avançava e as necessidades ou oportunidades surgiam. Ressalta-se que os projetos de extensão costumam ter um caráter dinâmico, principalmente, quando estão atuando junto aos grupos e às comunidades que têm demandas específicas. Nesta perspectiva, a coordenadora do projeto assumiu as funções de mediadora e facilitadora no processo de design colaborativo. O papel do especialista em design, segundo Mazini (2017, p. 63), “é aquele de um mediador (entre diferentes partes) e facilitador (de ideias e iniciativas de outros participantes), mas também inclui a criatividade e a cultura de especialistas em design e a possibilidade de usá-las para desencadear o diálogo social e alimentá-los com novas ideias”.

As ideias surgem a partir do diálogo entre as partes interessadas, portanto, para iniciar e alimentar esse diálogo social no início do processo de design colaborativo, foi organizado um encontro no qual cada participante apresentou para o grupo o próprio trabalho. Cada uma delas pôde contar sua trajetória profissional e pessoal, mostrar algumas das peças que produz e explicar também sobre os materiais e as técnicas utilizadas, bem como as formas de comercialização, o público-alvo, etc. Observou-se que além dos materiais tradicionais da joalheria, como prata e gemas de cor, algumas participantes utilizam materiais alternativos, tais como, cerâmica, resina, fibra de celulose, pedra-sabão, resíduo de madeira, etc. Esta mistura de materiais e técnicas produtivas na joalheria artesanal local é uma das características identitárias do grupo e que confere maior grau de inovação no trabalho do grupo. Um dos assuntos trazidos pelas participantes e discutido nos encontros foi sobre “como dar maior visibilidade ao trabalho das mulheres do grupo, a fim de se ampliar as possibilidades de vendas das peças?”. Junto com esta discussão, surgiu também para o grupo a oportunidade de participar de eventos em Ouro Preto. O primeiro evento que o projeto Mulheres de Ouro participou foi a Feira Arte no Paço, uma iniciativa dos artesãos de Ouro Preto e região para ocuparem o Paço da Misericórdia com atividades relacionadas ao artesanato local, tais como feiras,

exposições e oficinas, visando a valorização e a promoção da identidade do território. A primeira edição da Feira ocorreu em julho de 2019, durante o Festival de Inverno, e contou com a participação de todas participantes do projeto. O segundo evento que o grupo participou foi o Festival de Turismo de Ouro Preto, realizado entre os dias 7 e 10 de agosto de 2019, no Centro de Convenções da cidade. A organização do Festival partiu da iniciativa privada para fomentar negócios do turismo e o desenvolvimento econômico de diversos municípios de Minas Gerais, além de promover discussões sobre o tema entre governos, empresas, terceiro setor e investidores.

Foram eventos distintos entre si e que estimularam no grupo a discussão, a busca por soluções e a tomada de decisões em uma série de assuntos relacionados ao trabalho individual e ao trabalho coletivo. A participação em eventos enquanto grupo Mulheres de Ouro oportunizou o amadurecimento do projeto, o fortalecimento das relações de forma ética e solidária, a construção de vínculos de confiança entre as participantes e a aprendizagem coletiva. Devido à escala de trabalho nos estandes, muitas vezes uma colega comercializava o produto da outra, que no momento não estava no seu turno de trabalho. Sendo assim, todas são responsáveis pelos produtos expostos e devem saber explicar e valorizar o trabalho da colega para os visitantes. Esta forma de trabalho, que respeita a individualidade de cada participante e ao mesmo tempo é coletiva, foi bem avaliada pelo grupo e vinha se aprimorando a cada evento. Os eventos possibilitaram também trabalhar com o grupo, de forma prática, assuntos fundamentais para a venda de joias, tais como: vitrinismo, embalagens, atendimento ao cliente, precificação, etc.

A participação nestes eventos reforçou para o grupo a importância da criação, ampliação e ativação de redes de parceiros para a realização de ações e iniciativas estratégicas. O período de organização que antecedeu cada evento envolveu contatos e reuniões entre diversos atores sociais locais, como prefeitura, universidade, empresas, associações, grupos de artesãos, moradores da comunidade, além do próprio IFMG – OP. O Mulheres de Ouro era representado nessas reuniões por alguma integrante que tivesse disponibilidade de horário e pela coordenadora, que ficavam responsáveis por repassar o conteúdo discutido às demais participantes. As redes formadas por instituições públicas, privadas e comunidade em geral são sistemas capazes de trabalhar de forma colaborativa em torno de propósitos comuns. Portanto, é fundamental o grupo estar conectado a parceiros por meio de redes que poderão ser ativadas em ações e iniciativas futuras. Sem estas redes, projetos de extensão que não possuem recursos próprios, como o Mulheres de Ouro, teriam muita dificuldade para realizar algumas ações e iniciativas.

Ressalta-se que o processo de design colaborativo envolve momentos de reflexão e avaliação crítica das atividades realizadas. Nos encontros do grupo que foram dedicados a isso, as participantes foram, em um primeiro momento, estimuladas a se expressarem sobre aspectos que poderiam ser melhorados, problemas enfrentados e estratégias utilizadas. Em um segundo momento, estas informações serviram para que soluções fossem pensadas coletivamente, mesmo quando o “problema” se apresentava naquele momento ou contexto de forma intratável,

como por exemplo, a falta de recursos financeiros para realizar determinada ação. Em um destes encontros, uma participante propôs que o grupo organizasse uma exposição de joias do projeto Mulheres de Ouro, onde pudessem, dentre outros objetivos, aprimorar alguns aspectos do trabalho coletivo. Esta exposição ocorreu em um final de semana de dezembro de 2019, em Ouro Preto, e demonstrou a capacidade de auto-organização do grupo em torno de objetivos comuns, que conjugam interesses individuais e coletivos.

4. Considerações Finais

A extensão é uma atividade fundamental para aproximar as instituições de ensino (como os Institutos Federais) da comunidade, sendo capaz de contribuir para o desenvolvimento sustentável dos territórios. Os projetos de extensão de design são um meio de se colocar em prática os conhecimentos advindos do ensino e da pesquisa em prol das demandas sociais e produtivas locais, em um processo de aprendizagem coletiva, no qual comunidade e instituição compartilham saberes. A abordagem do design colaborativo foi fundamental para a execução do projeto Mulheres de Ouro, uma vez que possibilitou a participação coletiva e paritária do grupo. Ainda assim, foi observado que ajustes metodológicos precisam ser feitos, principalmente, no que diz respeito à inclusão de ferramentas de design que alimentem melhor o diálogo entre as partes e fomentem cada vez mais o engajamento do grupo. Espera-se que, assim que o atual contexto pandêmico permitir, o projeto seja retomado, não mais na versão piloto, mas assumindo um caráter contínuo e duradouro. Isso é essencial para que o grupo possa ir além das ações mais imediatas, buscando também refletir e projetar cenários futuros possíveis e desejáveis, tanto para o desenvolvimento sustentável da atividade de forma mais ampla, quanto para o trabalho da mulher no setor.

Nota:

1. Para Krucken (2009) “produto local” é a expressão em português que traz a ideia de produto ligado ao território. Neste artigo, empregamos o termo “produto local” conforme essa definição da pesquisadora.

Agradecimento: Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto (IFMG – OP)

Referências Bibliográficas

- Albuquerque Filho, F. G., Almeida, M. S. R., Esteves, M. D., Souza, J. (2013) *Inclusão Social, Tecnológica e Produtiva da Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica*. In: CONIF (Org.). Extensão Tecnológica (p. 43 – 55). Cuiabá: CONIF/IFMT.
- Brasil. (2008). *Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências*. Diário Oficial da União: Brasília.

- Brasil. (2012). Parecer CNE/CEB nº 11/2012. *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17576&Itemid=866> Acesso em: 10 abr. 2019
- Cardoso, R. (2016). *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Ubu Editora.
- Fórum de Pró-Reitores de Extensão da Rede Federal – Forproext. (2015). *Contribuições para a Política de Extensão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica*. Disponível em: <<https://www.ifmg.edu.br/portal/extensao/documentos>> Acesso em: 15 abr. 2021.
- Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG. (2021). *Apresentação da Pró-Reitoria de Extensão do IFMG*. Disponível em: <<https://www.ifmg.edu.br/portal/extensao/apresentacao>> Acesso em: 15 abr. 2021.
- Krucken, L. (2009). *Design e território: valorização de identidades e produtos locais*. São Paulo: Studio Nobel.
- Organização das Nações Unidas – ONU. (2021). *Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 8*. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/8>> Acesso em: 5 mai. 2021.
- Organização Internacional do Trabalho – OIT. (2019). A igualdade de gênero no coração do trabalho digno. Disponível em: <<https://www.ilo.org/public/portuguese/region/eurpro/lisbon/pdf/genderseptember.pdf>> Acesso em: 10 jan. 2019.
- Maldonado, T. (1971). *La speranza progettuale: ambiente e società*. 2. ed. Turim: Einaudi.
- Manzini, E. (2008). *Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais*. Cadernos do Grupo de Altos Estudos, v.1. Rio de Janeiro: E-papers.
- Manzini, E. (2017). *Quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social*. São Leopoldo: Unisinos.
- Papanek, V. (1973). *Design for the real world: human ecology and social change*. Nova Iorque: Batam Books.
- Secco, A. J., Conde, C. M. P., Mello, G. I. C. S., Pontes, J. I. O., Lima, M. A. C., Vansconcelos, M. E. G., & Andrade, R. S. G. (2013). *A Extensão e a Integração com o Mundo do Trabalho*. In: CONIF (Org.). Extensão Tecnológica. (p. 32-42). Cuiabá: CONIF/IFMT.

Resumen: Este trabajo presenta un estudio de caso del proyecto de extensión del Instituto Federal de Minas Gerais - Campus de Ouro Preto llamado "Mujeres de Oro". Se trata de un proyecto piloto realizado con el enfoque de diseño colaborativo, teniendo como participantes a mujeres productoras de joyería hecha a mano de Ouro Preto (Minas Gerais, Brasil). El proceso de diseño con la comunidad podría contribuir con una serie de acciones destinadas a promover el territorio, su identidad y sus productos locales, así como la valorización del trabajo de las mujeres en el sector de la joyería local.

Palabras clave: diseño colaborativo – proyecto de extensión – mujeres – comunidad – territorio – joyería artesanal – Ouro Preto.

Abstract: This paper presents a case study of the extension project of the Federal Institute of Minas Gerais - Ouro Preto Campus called "Women of Gold". It is a pilot project carried out with a collaborative design approach, having as participants women producers of handmade jewelry from Ouro Preto (Minas Gerais, Brazil). The design process with the community could contribute to a series of activities focused on the promotion of the territory, its identity and local products, as well as the valorization of women's work in the local jewelry sector.

Keywords: collaborative design – extension project – women – community – territory – handmade jewelry – Ouro Preto.

(*) **Lorena Gomes Ribeiro de Oliveira:** Doutoranda em Design na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), mestre em Engenharia de Materiais pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), mestre em Engenharia de Joias pelo Politecnico di Torino (POLITO) e graduada em Design pela UEMG. Desde 2011 é professora efetiva do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Ouro Preto atuando no ensino, na pesquisa e na extensão, com disciplinas e projetos nas áreas de design e joalheria.

Diseño mexicano en el siglo XX

Luis Alberto Alvarado y María
Esther Sánchez Martínez(*)
UAM – Azcapotzalco – CyAD

Actas de Diseño (2022, octubre),
Vol. 41, pp. 290-292. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: marzo 2022
Versión final: octubre 2022

Resumen: El diseño mexicano, experimentó una oportunidad única durante el siglo XX. Una prolongada segunda guerra mundial trajo impensados apoyos a la industria nacional, se crearon nuevas empresas y con esto aumentó la demanda de profesionales. Este momento de bonanza para la industria y por supuesto para el diseño nacional. Fue relativamente corto, pero dio sus frutos sobre todo al observar objetos producidos en el período.

Palabras clave: Diseño industrial – México – Segunda Guerra Mundial – Modernización.

[Resúmenes en inglés y portugués y currículum en p. 292]